

## **Deutsche Welle e Organizações Globo: duas vertentes na construção de um novo espaço público na evolução das tecnologias lineares para as tecnologias em rede**

Milla Benicio Ribeiro de Almeida ([millabenicio@yahoo.com.br](mailto:millabenicio@yahoo.com.br))  
(<http://lattes.cnpq.br/9263988405842947>)

Em uma sociedade dita da informação, como é o caso da sociedade contemporânea, a produção simbólica da linguagem permeia toda a construção social. Com uma dinâmica de conversão entre capital cultural e capital financeiro, o sistema capitalista pôde apropriar-se desta produção simbólica, e, segundo Félix Guattari, organizar-se, principalmente, a partir de quatro regimes semióticos: econômico, jurídico, tecno-científico e de subjetivação. Desse modo, o poder capitalista pôde se deslocar tanto em extensão, ampliando seu domínio sobre a vida social, econômica e cultural, quanto em “intenção”, infiltrando-se nos mais inconscientes extratos subjetivos.

Obviamente, a mídia tem seu quinhão de responsabilidade na articulação desse movimento, principalmente se pensarmos nos meios de comunicação lineares, que geralmente funcionam como um dispositivo unidirecional de transmissão da informação, “despejando” o discurso dominante em seus espectadores e apenas simulando uma participação do público no processo comunicacional. Nesse cenário, a Internet aparece como uma possibilidade tecnológica de resgate de um sujeito ativo e pleno, massacrado pela técnica durante a marcha capitalista. Claro está que este resgate não depende exclusivamente do desenvolvimento de instrumentos tecnológicos, mas também de instrumentos sociais.

De uma forma geral, a interatividade existente na *web* vem se revelando uma possibilidade muito mais estimulante do que a proposta existente outrora nos meios de comunicação lineares da participação de ouvintes ou telespectadores em entrevistas, enquetes ou concursos em programas de rádio ou televisão, por exemplo. A interface real entre o usuário e a rede traz de volta a possibilidade de um sujeito ativo não apenas no espaço virtual, como também no mundo real, na medida em que a chamada realidade virtual vai além do mero aprimoramento técnico, funcionando como um novo dispositivo de consciência, um novo processo de subjetivação.

Essa tentativa de resgate de uma comunidade humana integrada por um novo espaço de debate deve ser acompanhada do discernimento de que a realidade virtual é uma realidade matematicamente fabricada. Sendo assim, o universo cibernético deve ser um ponto de apoio para o reaparecimento de um sujeito ativo no mundo real, em um movimento oposto ao “tecnonarcisismo”, que segundo Muniz Sodré, seria a “dissolução da identidade própria em função de um outro de si no espelho” (SODRÉ, 2008, p. 158). O virtual não pode, portanto, em hipótese alguma, suprimir o real.

No início de 2008, estimava-se a existência de mais de 150 milhões de páginas na Internet, um número bastante expressivo para uma mídia relativamente nova se comparada aos demais meios de comunicação em massa. Não há, no entanto, um questionamento de quantas dessas páginas se constituam como um modelo de tensão entre o espaço virtual e o real, em uma retomada da ética e do cuidado humano no momento histórico atual.

Em todo caso, a questão da construção de subjetividade se faz cada vez mais presente à medida que as máquinas produtoras de signos e de imagens se desenvolvem, exigindo, a todo momento, uma recomposição das práticas sociais e individuais, que podem ter resultados bastante heterogêneos na formação desse novo espaço público situado entre o real e o virtual. Como esse processo dá margem a diferentes percursos, é importante que observemos quais iniciativas enveredam por caminhos mais democráticos e quais seguem rumos mais autoritários. Temos, por exemplo, duas emissoras internacionais com estrutura midiática e programação bastante distintas, como é o caso da Deutsche Welle e das Organizações Globo. Busquemos compreender as questões implicadas no abismo existente entre duas empresas na área da comunicação que têm uma classificação em comum como emissoras internacionais.

A Deutsche Welle é uma emissora multimídia e multilíngüe, que oferece serviços informativos, de entretenimento e educativos em rádio, televisão e Internet. Seu surgimento se deu com o rádio, logo após a Segunda Guerra Mundial, com a intenção tanto de oferecer uma programação nacional a alemães que viviam fora de sua terra natal, quanto de difundir uma imagem positiva da Alemanha, que vinha sendo mundialmente rejeitada no pós-guerra.

Até certo ponto, o desenvolvimento da emissora se deu no mesmo sentido da evolução das mídias unidirecionais, e assim, mais tarde, ela incorporou as transmissões televisivas ao seu repertório técnico. A Internet, a princípio, apareceu como uma mera extensão da programação do rádio e da televisão, mas, posteriormente, se tornou uma mídia riquíssima, englobando também os dispositivos técnicos da televisão e do rádio, acrescida de grande interatividade com o seu público.

A Deutsche Welle presta um serviço internacional de direito público, financiado pelo governo alemão. Estes são denominadores importantes no direcionamento de sua práxis e na definição do conteúdo que vincula. Mesmo financiada pelo Estado, a emissora diz gozar de plena independência de conteúdo e não sofrer grande influência política na distribuição dos cargos e na estruturação da empresa, o que pode ser reforçado por uma postura bastante rígida do país nesse sentido devido à experiência traumática de controle da mídia pela propaganda nazista. No entanto, é possível questionar-se se já não se trata de uma postura política o próprio surgimento da Deutsche Welle como uma empresa da Alemanha Ocidental - que mais tarde incorporou outras emissoras da Alemanha Oriental – com um objetivo inicial de vincular uma imagem positiva do país no pós-guerra, objetivo que de certo modo ainda hoje se mantém através de um viés claramente nacionalista da emissora.

Talvez um dos grandes diferenciais da empresa alemã em relação às brasileiras seja o fato da Deutsche Welle se constituir como uma empresa de direito público. Este tipo de empreendimento conta com a chamada universalidade de pagamento, que geralmente se realiza por meio de uma tarifa de recepção, e que mantém esse tipo de iniciativa mais independente do governo e da publicidade. No caso da Deutsche Welle, mesmo que a universalidade de pagamento provenha do governo, a classificação como uma empresa de direito público permanece, pelos motivos históricos já acima enunciados.

Desse modo, os conteúdos veiculados pela emissora parecem estar bem comprometidos com a difusão e enriquecimento da cultura alemã e com o desenvolvimento sócio-cultural das comunidades receptoras, pelos programas de rádio, televisão e Internet desenvolvidos por redações que contam com

profissionais dos próprios países receptores. Há ainda a Deutsche Welle Akademie, um braço da empresa responsável pela capacitação e aprimoramento de seus profissionais, tanto na Alemanha quanto em outros países.

No Brasil, o termo “emissora de direito público” gera grande confusão, na medida em que esta categoria se confunde com as emissoras governamentais. As empresas nacionais que mais se aproximam desse perfil - com uma programação mais voltada para um conteúdo cultural e pluralista do que para os índices de audiência - são ou empresas do governo, com o quadro de diretores, por exemplo, nomeados por autoridades políticas, como é o caso da Rede Brasil, ou iniciativas comunitárias com repercussão apenas a nível local.

No campo das emissoras internacionais, a principal representante brasileira é o imenso conglomerado de empresas na área da comunicação, as Organizações Globo, que detém, por exemplo, uma das cinco maiores redes de televisão privada do mundo, além de inúmeras outras firmas com ramificações regionais e internacionais, em diferentes tipos de mídia. A Globo, assim como a Deutsche Welle, teve um desenvolvimento midiático fundamentalmente linear, com a distinção de que hoje essa linearidade ainda é uma marca bastante forte em todos os seus meios de comunicação, do rádio à Internet. A empresa surgiu com o jornal O Globo, passou para o rádio, e então para a televisão, meio pelo qual se tornou indiscutivelmente poderosa a nível nacional, e posteriormente, internacional. Mesmo com o advento da Internet e com a permanência das mídias anteriores, é em sua forma televisiva que as Organizações Globo mantém seu foco e sua maior forma de influência.

Por ser uma emissora financiada pelas incursões publicitárias e gerida em função do lucro, deixa transparecer a falta de compromisso com a formação de um público receptor crítico ou com a promoção da cultura brasileira no país ou no exterior. Embora a empresa tenha programas de perfis variados e algumas iniciativas voltadas para as comunidades, as Organizações Globo têm no país uma imagem extremamente vinculada à alienação cultural e social, à parcialidade política e ao predomínio absoluto dos interesses financeiros.

Sendo assim, emissoras com poder mundial como a alemã Deutsche Welle e a brasileira Rede Globo demonstram que, na evolução dos meios de comunicação lineares para aqueles em rede, o desenvolvimento técnico acontece de forma heterogênea, oferecendo diferentes vertentes que caminham entre a padronização e a reinvenção dos modos de ser, entre o esvaziamento das relações humanas e sua integração global. É importante, assim, detectar as oportunidades existentes no campo da comunicação de se buscar uma re-singularização individual e coletiva, ao invés de caminhar para uma usinagem pela mídia, e perceber quais iniciativas estão mais próximas de uma globalização em que as culturas se desenvolvam inventando outros pontos de cidadania e formas de interação que transformem o espaço virtual, o usuário real e sua comunidade.

O presente artigo gira, portanto, ao redor de três hipóteses principais. A primeira seria a hipótese de que um novo espaço público vem se formando por meio das novas tecnologias da comunicação, principalmente daquelas ditas em rede; a segunda, de que alguns dispositivos da emissora alemã Deutsche Welle podem caminhar no sentido de um aquecimento das relações humanas no espaço real através de um espaço virtual; por fim, a terceira seria de que no Brasil não há nenhum empreendimento de grande repercussão nesse sentido, talvez pela própria divisão das emissoras brasileiras entre iniciativas locais sem expressão, governamentais, como a Rede Brasil, e privadas, como as Organizações Globo.

A hipótese da formação de um novo espaço público a partir das novas tecnologias da comunicação se baseia, principalmente, na evolução técnica dos meios de comunicação lineares para aqueles ditos em rede, que funcionam não apenas como um mero progresso tecnológico, mas como um novo dispositivo de consciência.

Os meios de comunicação em massa, desde seu surgimento até os dias de hoje, caminharam, muitas vezes, no sentido de uma construção de padrões de subjetivação, por lidarem com o poder simbólico da linguagem, por meio de um fluxo majoritariamente unidirecional da informação. A imprensa, o cinema, a televisão e o rádio, não raro funcionam como uma rua de mão única que conduz um intenso volume de informações a seus espectadores, em um

fluxo cujas chances de inversão diminuí proporcionalmente à sua evolução técnica.

A linearidade desses meios de comunicação, quando acompanhada de uma recepção passiva das informações e de seu processamento solitário, revelaram também o poder de isolar as pessoas, de calar os diálogos, em suma, de esvaziar os espaços públicos, tão fundamentais para o aquecimento das relações humanas. As multidões solitárias formadas a partir daí demonstraram cada vez mais um enfraquecimento de sua ontocriatividade, uma debilidade crescente da aptidão fundamentalmente coletiva do homem de transformar o mundo para que se pudesse habitá-lo.

A humanidade vive assim um momento histórico marcado pelo paradoxo de reunir, por um lado, o potencial tecnológico de solucionar muitos dos graves problemas ecológicos e sociais com os quais hoje se depara, e por outro, a incapacidade de uma articulação social que permita que a grande maioria se aproprie desse desenvolvimento técnico para torná-lo de fato operativo. A separação entre essas duas esferas, que se faz sentir a nível coletivo, parte, provavelmente, de um estágio bem anterior relativo à construção de subjetividade, por um gradativo esquecimento da postura originariamente ética e ativa do homem frente ao mundo.

A Internet, nesse cenário, acena como uma possibilidade de ultrapassar a unidirecionalidade técnica e de trazer de volta o sujeito ativo ao processo da comunicação. Assim como qualquer tecnologia, o “bom ou mau emprego” da Internet depende basicamente do seu uso. Deste modo, ela pode fazer das pessoas “plugadas” na rede meros terminais de informação ou usuários verdadeiramente participativos.

Este cenário comunicacional possibilita o surgimento de diferentes empreendimentos, pois se situa em meio a um desenvolvimento tecnológico que promove um movimento ambíguo de, ao mesmo tempo, permitir maior integração global e ser também capaz de esfriar as relações mais próximas. A formação de um novo espaço público, desencadeada pelas novas formas de percepção de si e dos outros através da evolução dos meios de comunicação lineares para os meios em rede, se dá a partir de diferentes graus de responsabilidade com o conteúdo difundido e de vínculo com a vida real por

parte das diversas iniciativas no campo da comunicação, como é o caso, por exemplo, de duas emissoras internacionais como a Deutsche Welle e as Organizações Globo, que possuem perfis profundamente diversos.

A segunda hipótese consiste na possibilidade de que a Deutsche Welle possa, sob alguns aspectos, estimular a criação de um espaço de debate virtual a nível global, com efeitos reais para as comunidades locais. A emissora conta, por exemplo, com profissionais oriundos de mais de 60 países, sendo que cada redação desenvolve sua própria programação, baseada nas necessidades de informação específicas de cada país. Os corredores da emissora assemelham-se a uma Torre de Babel pela pluralidade de línguas, estilos e tipos de vestimentas. É essencial sabermos se essas diferenças culturais são de fato passadas para o espaço virtual com toda sua aspereza, tendo em vista o enfoque nacionalista da empresa. Há que ser observado se nesse multiculturalismo o estranhamento é diluído, reproduzindo uma experiência similar à do turismo, quando qualquer lugar do mundo pode se tornar familiar, igual, padrão.

Algumas iniciativas da Deutsche Welle parecem incentivar a interação como um dispositivo de participação efetiva de público no processo comunicacional, reaproximando as pessoas com a construção de um espaço virtual, que interfere de fato na realidade de muitas comunidades ao redor do globo. Um exemplo é o concurso mundial chamado *The BOBs*, que elege os melhores *blogs*, e visa incentivar a liberdade de expressão e promover um diálogo multilíngüe sobre os *blogs* como meio de comunicação.

A DW-Akademie, centro de treinamento e aperfeiçoamento dos profissionais da empresa, também aparece como um instrumento importante neste trânsito entre o real e o virtual. A maioria dos cursos é gratuita para os participantes, uma vez que muitos deles vêm de países e regiões pobres, e os treinamentos para regiões carentes são feitos na língua daquela região, o que demanda grande organização, incluindo convites, em alguns casos, para professores daquele país participarem em algum módulo do treinamento.

Além dessas e outras práticas da Deutsche Welle, o próprio fato de ela ser uma emissora de direito público pode ser um fator bastante decisivo na forma e no conteúdo de seus produtos. Para que sejam consideradas de direito

público, as emissoras devem ter uma programação desenvolvida para formar uma sociedade culta e tolerante, mostrando diversos pontos de vista. Devem buscar a democratização da informação e considerar a pluralidade cultural da comunidade que recebe sua transmissão, e, principalmente, prestar-lhe serviços, com total liberdade editorial. É claro que alguns desses pressupostos chegam a ser inatingíveis, mas tê-los como meta já é um bom princípio.

A terceira hipótese parte da constatação de que o próprio conceito de emissora de direito público é complicado de ser entendido no Brasil, já que aqui não há uma distinção definitiva entre uma empresa pública e governamental, como pode ser observado, por exemplo, em casos como a Radiobrás, a TV Câmara, a TV Senado, dentre outras. Também se enquadra nesse perfil ambíguo a Rede Brasil, pois, assim como as demais aqui enumeradas, é um instrumento do governo, sendo seu quadro de diretores nomeado por autoridades políticas. As iniciativas brasileiras no campo da comunicação dividem-se, então, entre aquelas que são praticamente desconhecidas do grande público, aquelas que recebem capital do governo e sofrem uma influência marcadamente política, como a Rede Brasil, e aquelas que são financiadas pela iniciativa privada, e são geridas em função do lucro, como as Organizações Globo.

O brasileiro tem um grande vínculo com os meios de comunicação, sendo, por exemplo, um dos povos que passam mais horas em frente à televisão ou se constituindo como o principal usuário do Orkut. Entretanto, há no Brasil a tradição de uma relação muito estreita entre as emissoras e o governo ou o mercado, impossibilitando uma programação que vise majoritariamente ao fortalecimento cultural e social de seus usuários. Faz-se indispensável, assim, traçar um panorama do cenário comunicacional brasileiro e mundial à luz das novas tecnologias da comunicação, para que se possa estudar os empreendimentos que indiquem os percursos possíveis à nossa realidade para uma integração efetiva entre o real e o virtual, o comunitário e o global.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

\* Artigos



50 ANOS da Deutsche Welle: Seriedade e credibilidade. 27/06/06. Disponível em <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,903558,00.html>>

BALDESSAR, Maria José. A Ordem Invertida? O fluxo internacional de notícias a partir do advento da Internet. Um estudo exploratório dos websites O Globo, O Estado e JB online. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2006.

BARDEY, Anja. The Deutsche Welle Academy: journalistic training with a view of the world. Munique: Goethe-Institut On-line Redaktion, 2007.

Disponível em <<http://www.goethe.de/wis/med/dos/jou/jab/en2307289.htm>>

BETTERMANN, Erik. International broadcasting is designed for dialogue. Entrevista concedida à Redação Central da Deutsche Welle. Maio 2005.

Disponível em <<http://www.dwworld.de/dw/article/0,2144,823224,00.html>>

\* Dissertação

FANTINATTI, Maria Silvia. O que se vê na TV – análise do fluxo da programação da Rede Globo. São Paulo: Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

GROSSMAN, Eliana. O Serviço Brasileiro da Rádio Deutsche Welle. São Paulo: Universidade Paulista – Unip Programa de Mestrado em Comunicação, 2007.

\* Livro

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GUATTARI, Félix. As Três Ecologias. 17ª edição. Campinas: Papyrus, 2006.

HEIDEGGER, Martin. Ensaios e Conferências. 4ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

## **SOBRE O AUTOR**

Milla Benicio é mestre em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, possui graduação em Publicidade e Propaganda pela mesma universidade (2005), atuando principalmente nos seguintes temas: violência, ecologia, linguagem e mídia.

